

Resenha da Enciclopédia da Floresta. O Alto Juruá – práticas e conhecimentos das populações

¹Claude LÉVI-STRAUSS;
Tradução de ²Mauro W. B. de ALMEIDA

¹ *In memoriam*. ²Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, Brasil. E-mail: maurowbalmeida@gmail.com

Submitted: 30/02/2018; Accepted: 15/05/2018

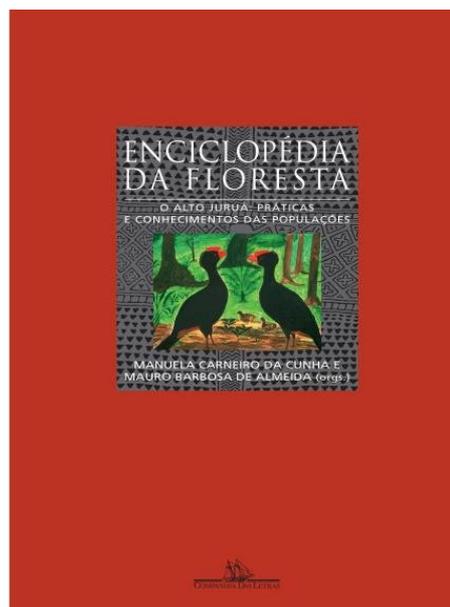
Claude Lévi-Strauss 2003, *Enciclopédia da Floresta. O Alto Juruá – Práticas e conhecimentos das populações*. São Paulo, Manuela Carneiro da Cunha e Mauro Barbosa de Almeida orgs., Companhia das Letras, 2002, 735 p. gloss., índice, ilustr., fig., tabelas., mapas. Publicado originalmente na revista *L'Homme*, n. 167-168, 2003, pp. 365-367. Tradução de Mauro W. B. de Almeida e revisão de Manuela C. da Cunha¹

Esta obra admirável é no seu gênero a mais original por sua concepção e a mais enriquecedora por seu conteúdo que tive oportunidade de ler há muito tempo. Trata, no entanto, de um tema restrito: a bacia do Alto Juruá, afluenta da margem direita do Amazonas, no estado brasileiro do Acre, na fronteira com o Peru. Mas, para retomar uma expressão de Marcel Mauss, e dando-lhe uma maior abrangência, ela o trata como um fato natural e social total onde tudo está ligado – a geografia e a ecologia, a biologia, os modos de vida, os saberes, as crenças e os mitos.

Mas por que o Alto Juruá, zona de cerca de 32.000 km² que inclui um parque nacional, duas dezenas de comunidades indígenas e uma “reserva extrativista”, termo sobre o qual voltarei adiante?

Em primeiro lugar, porque em nenhuma parte da Amazônia, e talvez do mundo, existe uma diversidade biológica tão grande, confirmada pela vitalidade das ordens ou famílias zoológicas mais sensíveis à degradação do ambiente. Alguns anos de observação já permitiram recensear, apenas no território da reserva que mede cerca de 5.000 km², mais de duzentas espécies de anfíbios, mais de seiscentas espécies de pássaros, e quase quinhentas espécies de uma única família de borboletas – e esses números são provisórios. Estima-se em mais de cem mil as espécies de insetos presentes na reserva, onde estão também representadas todas as espécies de borboletas disseminadas de um extremo a outro da Amazônia, da qual o Alto Juruá oferece assim uma espécie de resumo.

Guardadas as proporções, essa diversidade também existe no plano cultural. A área considerada abriga uma população de coletores de látex – os *seringueiros* – e, no entorno da reserva, três populações indígenas: um grupo oriental Ashaninka (antes chamado de Campa), povo arawak com influências andinas; e dois outros, Kaxinawa e Katukina, de língua pano; aqueles somando alguns milhares, e estes algumas centenas.



¹ Nota do Tradutor: Convidados pelos organizadores dessa edição a indicar um especialista para resenhar o livro *A Enciclopédia da Floresta*, tomamos tardia e inesperadamente conhecimento da existência dessa resenha de autoria de Claude Lévi-Strauss, publicada na revista *L'Homme* em 2003!. Agradecemos a autorização da revista para a publicação da presente tradução. Lembremos que Lévi-Strauss é autor do texto pioneiro sobre conhecimentos botânicos dos indígenas das “terras baixas da América do Sul” para o *Handbook of South-America Indians*, organizado por Julian Steward, cuja tradução aparece na *Suma Etnológica* organizada por Berta Ribeiro. Saliente-se também a manifestação de Lévi-Strauss sobre as “reservas extrativistas”.

Para levar a cabo esse monumental inventário dos aspectos naturais e culturais de um meio escolhido por sua riqueza e sua complexidade, os organizadores do projeto, Manuela Carneiro da Cunha e Mauro Barbosa de Almeida, reuniram cerca de trinta pesquisadores, autores dos diferentes capítulos da obra, por sua vez assistidos por colaboradores na maior parte seringueiros ou índios.

Teria sido legítimo apresentar esse trabalho coletivo sob o título de *Enciclopédia*, embora se limite a uma área estreitamente circunscrita da Amazônia, ocupada apenas por quatro tipos de populações? Como sublinham os organizadores, são essas próprias populações, objeto do estudo, que justificam esse título pelo conhecimento verdadeiramente enciclopédico que elas têm sobre o seu meio, e pela diversidade de seus “modos de fazer, modos de pensar e modos de conhecer” (p. 15).

A obra e as pesquisas cujos resultados a obra apresenta dão lugar central à *Reserva Extrativista do Alto Juruá* fundada em 1990 por iniciativa da representação local do Conselho Nacional dos Seringueiros. A expressão “reserva extrativista” não é muito sugestiva em francês. Conforme explicam os autores do capítulo sobre a diversidade biológica do alto Juruá, trata-se “de um conceito novo e revolucionário de conservação visando estabilizar o uso sábio e sustentável dos recursos naturais pelas populações tradicionais, em vez de criar parques e reservas submetidas a uma preservação rigorosa que exclui as atividades humanas” (p. 34).

A escolha do território destinado à reserva responde a duas ordens de considerações: por um lado, a excepcional diversidade biológica, e por outro, a história natural recente da região. A queda do preço da borracha depois da Segunda Guerra mundial levou os “patrões” de seringal a se voltarem para a pecuária e a exploração madeireira. Os seringueiros, abandonados a si mesmos, mas ligados a um gênero de vida que não repousa exclusivamente na coleta e preparação do látex, tomaram em mãos os seus destinos. Um projeto no qual Manuela Carneiro da Cunha e Mauro Barbosa de Almeida (que trabalha na região desde de 1982) tiveram um grande papel, os ajudou. Esse projeto visa a determinar e a colocar em prática as condições sob as quais as populações tradicionais poderiam assegurar elas mesmas a gestão dos recursos naturais. A *Enciclopédia da Floresta* insere-se nesse quadro. Vê-se por isso que a obra não é somente um objeto para o conhecimento, mas também, e talvez sobretudo, um instrumento para a ação.

Na Reserva do alto Juruá, colocava-se um problema de definição, já que os seringueiros vivem principalmente de uma agricultura de subsistência que certamente não é uma atividade extrativa. Mas uma família de seringueiros que explora o látex em uma área de cerca de 300 ha cultiva somente meio hectare, que é deslocado de ano para ano. Com a densidade de um habitante por km², isso dá 1% da superfície total da reserva. Ora, um dos autores, o biólogo Keith Brown Jr., mostrou que, mantidas abaixo de 10% do território, as perturbações do meio imputáveis à presença humana, longe de diminuir-la, aumentam a diversidade natural (pp. 39-40).

A capacidade da população local de gerir os recursos naturais concretizou-se no plano prático pela renúncia coletiva a certas técnicas de caça, de pesca, de coivara e de exploração muito intensiva do látex. Foram elaborados de comum acordo compromissos, e designaram-se inspetores entre os seringueiros mais idosos e experientes cujo papel não é punir, mas sim dissuadir (pp. 143-146)².

Por sua vez, os cientistas impuseram-se uma censura, para evitar que as pesquisas fizessem cair em domínio público conhecimentos ou práticas suscetíveis de exploração comercial em prejuízo de seus detentores tradicionais (pp. 22-23).

Um dos resultados mais notáveis dessas pesquisas, graças sobretudo a Mauro Barbosa de Almeida, foi evidenciar a riqueza e a originalidade de uma cultura própria dos seringueiros. Durante muito tempo, acreditou-se que esses imigrantes vindos do Nordeste desde o último quartel do século XIX, estabelecidos por necessidade ou pela força em um meio do qual tudo ignoravam, só poderiam ter sobrevivido imitando os indígenas. Na realidade, ao longo dos anos, a partir desses empréstimos e de suas experiências próprias, os seringueiros elaboraram uma síntese. Assim, o consumo ritual de ayahuasca (*Banisteriopsis* sp.), tomado emprestado dos Índios, ganhou entre os seringueiros, sob o nome de *cipó*, uma versão original (pp. 381-386). Trata-se de apenas um exemplo. Pois a extração do látex e a preparação da borracha por defumação ou prensagem constituem um conjunto de operações muito complexo. Ademais, além dessa atividade técnica, os seringueiros praticam outras: cultura de subsistência, caça, pesca, coleta de produtos silvestres, artesanato... A vizinhança com três populações indígenas ensinou-lhes muito, mas elas também receberam muito deles (pp. 16, 105-146, 285-310).

² Nota do Tradutor: O leitor deve levar em conta de que o texto se refere à década de 1990.

Convinha portanto considerá-los em conjunto. Os organizadores enfatizam: essa enciclopédia contém quatro grupos. Caberia separá-los ou uni-los? Por razões editoriais, escolheu-se um compromisso. Quatro capítulos consagrados à história de cada grupo são monografias. Nas partes intituladas “Os tempos – ciclos e calendários” e “As atividades”, Ashaninka e seringueiros foram objeto de capítulos separados. O mesmo critério foi adotado para os quatro grupos na parte sobre “As classificações do mundo”. Em compensação, os capítulos sobre a casa, a agricultura, a caça, a pesca e a cozinha são estudos comparativos que evitam o risco de monotonia de um plano único graças a artifícios de tipografia e de paginação que permitem variar os enfoques. O capítulo culinário (pp. 359-380) associa para cada grupo, de maneira muito saborosa, as receitas e os contos ou mitos nos quais figuram os diferentes animais de caça.

Contendo quase duzentas páginas, a última parte consiste em sete dicionários consagrados respectivamente aos bichos de pelo, bichos de pena, peixes, serpentes, anfíbios, abelhas sem ferrão e vegetais. Por si só, esses dicionários constituem um tesouro de informações onde se encontram sob cada verbete os conhecimentos comuns a vários grupos ou próprios a cada um deles -- sobre este ou aquele animal ou planta, seus usos alimentares e outros, bem como os contos e os mitos que a eles remetem.

A obra é abundantemente ilustrada por desenhos, fotografias em preto e branco e pranchas coloridas, algumas geográficas ou ecológicas, outras que destacam a diversidade biológica de famílias animais ou vegetais, e por fim as que são quadros deliciosos de pintores indígenas tratando vida de aldeia, das ocupações domésticas ou dos espetáculos da floresta.

Esta enciclopédia, que conjuga os saberes adquiridos junto às populações locais e as pesquisas realizadas por dezenas de cientistas, tem um primeiro e já imenso mérito: ela divulga, aprofunda e desenvolve o conceito de “reserva extrativista” a partir do exemplo do alto Juruá – e outras estão sendo criadas no Brasil --, pois de seu sucesso talvez dependa o salvamento da Amazônia (e de outras regiões do mundo tropical que sofrem as mesmas ameaças).

Este é seu aspecto prático. Mas ela contém uma outra lição, esta teórica e filosófica, sob a forma de uma homenagem que os laços estabelecidos duravelmente pelos cientistas para com as populações tradicionais os levaram a lhes prestar. Essas populações– e aqui para concluir cedo a palavra aos organizadores – *“se interrogam e especulam sobre a natureza muito além do que seria necessário ou racional do ponto de vista econômico. Há entre elas um ‘excesso’ de conhecimentos justificado somente pelo puro prazer de saber, pelo gosto pelo detalhe e por uma tentativa de ordenar o mundo sob uma forma satisfatória intelectualmente. De todos os apetites, o apetite pelo saber é um dos mais poderosos”* (p. 13).